

FILHOS DO SILÊNCIO



Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016

Elisa Marina



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Miranda Couto Siqueira

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M337F MARINA, ELISA. 1974 -
FILHOS DO SILÊNCIO / ELISA MARINA. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2015.

150 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-5833-005-3

I. ROMANCE I. TÍTULO.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

O CELULAR DESPERTA-ME. É sexta-feira! Ainda na cama, penso no meu relacionamento, que acabou há quatro meses. Não gosto desta sensação, mas entendo que é cedo para esquecer alguém que foi tão presente em minha vida durante sete anos. Uma mistura de sentimentos me perturbam. De um lado, sinto alívio por ter terminado o namoro, pois perdi o chão quando descobri a traição, dando-me a certeza de ter vivido uma relação inconsistente. Mas há momentos em que fico triste. Apostei no relacionamento. Fiz planos. Tive sonhos. Empeñhei-me na certeza de que seria eterno. Mas não foi.

A preguiça toma conta do meu corpo, e não sinto a menor vontade de sair da cama. Olho à minha volta e o que vejo? Sinais da minha animada festa. Trinta e nove anos! Deve ser por isso que o pique em acordar cedo para o trabalho não é mais o mesmo de antes. Sinais do tempo.

Natália, você não é mais uma garota. Mas quer saber? Hoje a folga é por minha conta. É o meu presente de aniversário a mim mesma.

Desligo o celular e reviro-me na cama, acompanhada das minhas recordações. Entre uma posição e outra, vejo uma estranha mancha de sangue no lençol. Menstruação? Tenho certeza de que não é, pois faz uma semana que menstruei. O que pode ser isso? Olho para minha barriga, e meu útero quer me dizer algo. Ignorado por todo esse tempo, não dei a ele a função para a qual fora designado.

Não foi por falta de vontade ou falta de oportunidade. Os filhos não vieram, e minha realidade agora é outra. Quisera eu ter como preocupação, neste exato momento, a compra do material escolar Ou então, conhecer qual é o super-herói do momento para uma festa de aniversário. Mas não, minha preocupação é com esta mancha de sangue no lençol, que pode ter uma relação com aquele pólipo no endométrio que a ultrassonografia detectou meses atrás. Por que não o retirei naquela época?

No celular, procuro pelo telefone, cujo número jamais pensaria em ligar neste mês, talvez daqui uns três meses. Só que depois desta surpresa matutina não pretendo ligar para outra pessoa que não seja ele, meu médico.

O que significa esta mancha? É a natureza cobrando a maternidade? Que cobrança! Resolveu barganhar com a minha saúde?

Seja lá o que for, agora nada mais importa. O momento pede calma para encarar o inimigo que ainda não tem nome. Um inimigo oculto.

E sozinha, é impossível não pensar novamente na vida. Família, carreira, amigos e meu ex-namorado. Sinto falta de Carlos, ainda mais agora em que sua presença poderia me ajudar a enfrentar este medo que toma conta de mim.

Tenho vontade de ligar para ele, mas desisto. O que ele teria a me oferecer seria apenas piedade. E eu preciso muito mais do que isso. Quero dele o companheirismo, o amor, o sexo e o carinho. Por orgulho, não ligo.

A realidade mostra a minha única companheira: a televisão. E o telejornal me deixa mais deprimida. Outra notícia de abandono de bebê no interior de São Paulo.

Mais um caso! Até quando vamos ver notícias como estas? Parece que estamos nos acostumando com esta realidade. Depois da comoção que a cena causa, o esquecimento trata de encobrir a realidade.

Tenho raiva, mas depois sinto pena – da criança e da mãe. Impossível traduzir em palavras o que passa pela cabeça de uma mãe num momento como este. O pior é ver certas mães que, quando não abandonam, torturam. Quando não torturam, matam.

Aí então, penso no tal do amor incondicional de mãe; tão falado em verso e prosa. Acredito que não é a maternidade que faz brotar na mulher esse amor. Assim como semente, ele pode até fazer parte do ser. Só que, em algumas, a sementinha germina no momento da concepção. Em outras, nasce com o ato da adoção. Mas aquelas que não descobriram como cultivar, a semente simplesmente morre. Acredito que por muitos anos ainda veremos outros tantos casos de tortura, morte e abandono de crianças, ocupando as manchetes dos meios de comunicação.

Meu telefone toca, e meu coração se enche de esperanças. Será que Carlos ainda pensa em mim? Acho que não, pois Silvana acaba com a minha doce ilusão. Ela não percebe, mas sua conversa se perde em meio aos meus pensamentos. Não me

interessa saber de seu mais novo romance, que havia começado durante a minha festa. Eu sabia que dariam certo; pude perceber um clima de romance entre ela e o diretor de marketing lá do escritório.

Até que formam um bonito casal.

Silvana demonstra entusiasmo com o relacionamento, enquanto eu estou com a cabeça em Marte. Não estou nada bem. Sinto-me mais perturbada ainda. A felicidade dela não me contagia e vejo-me obrigada a interromper a ligação. Tenho preocupações mais sérias. Tomo coragem e ligo para a clínica.

– Bom dia, aqui é Natália, paciente do doutor Cláudio. Quero marcar um horário com ele com certa urgência.

– Pois não. Convênio ou particular?

– Indiferente. Quero o mais rápido.

– Tenho uma desistência para amanhã, às 14 horas, mas somente particular, pois a agenda de convênios está fechada para essa semana. Pode ser?

– Pode.

UM DIA A MAIS DE ANGÚSTIA e ansiedade. Ligo para o escritório e aviso que irei faltar por motivos de saúde. Tenho que tentar convencer o cliente de que a reunião terá que ser adiada para a próxima semana. Eis a surpresa! O próprio cliente diz que minha colega, a Katia, havia ligado e antecipado a reunião para o início da tarde.

Arrogante e presunçosa, Katia era dona de um temperamento difícil. Cinquentona, dava sinais claros de amargura e desilusão com a vida afetiva, e fazia do trabalho, seu único objetivo de vida. Cliente conquistado certamente substituíra um filho não gerado; tamanho era o excesso de dedicação e empenho. Lealdade no trabalho? Apenas quando lhe convinha. Através dela, passei a analisar a vida de uma mulher que não constrói uma família.

Amigos são importantes e insubstituíveis, mas eles não estão sempre ao nosso lado. Cada um tem seus compromissos diários. Seus parceiros. Seus filhos. Suas mães. Seus pais. Seus irmãos.

Reflexões como estas ainda tomam conta do meu pensamento.

É certo que nós, mulheres, não sonhamos mais com príncipes encantados. Pode ser que o desejo por um ainda habite o imaginário de algumas. Sem tantos encantos, o príncipe de hoje nunca foi aquele dos contos-de-fada. Não chega num cavalo branco nem tampouco garante a frase final dos contos: “e foram felizes para sempre.”

No começo, ele manda flores todos os dias. Com o tempo, os ramalhetes mensais transformam-se em singelos buquês anuais. Nos primeiros dias do namoro, abre a porta do carro para sua amada entrar; anos depois, engata a primeira marcha sem tempo para ela colocar o cinto-de-segurança.

Todavia, ninguém quer receber flores todos os dias. Ou quer? Ninguém quer que lhe abram a porta do carro todos os dias. Ou quer? Ninguém quer escutar um “eu te amo” todos os dias. Ou quer? São as repetições de gestos como estes ou a ausência deles que causam o fim de um relacionamento?

Acredito que príncipes encantados de hoje são os homens que vem com seus próprios encantos, sem excessos nem ausências. O elogio ao velho vestido usado pela quinta vez, que passou despercebido no primeiro dia de uso. A vontade em dividir o preparo do jantar, porque é sensível o suficiente pra perceber o quanto sua companhia também se cansa depois de horas no trabalho. A sabedoria em conquistar a mesma mulher todos os dias, para que em nenhum momento ela sinta vontade de partir, porque ela também lembra o quanto é bom o sexo com este homem cheio de encantos. O homem que entende a tal da Tensão Pré-Menstrual, pois enxerga sua mulher muito além de uma parceira sexual. É sua companhia.

Por outro lado, estamos longe de ser as princesas dos contos. Mulher também tem suas peculiaridades. Ao cobrarmos certas atitudes, não nos damos conta de que queremos que este homem pense e aja como nós. Não podemos nos esquecer de que somos gêneros diferente e, como tais, pensamos, sentimos e agimos de maneiras diferentes.

Por tudo isso, não entendo porque exigi tanto dos meus ex-namorados. Por que não tolerarei mais? Por que não fui mais paciente? Por que não ignorei as atitudes de Carlos que julguei como defeitos?

Talvez tenha sido porque meu foco foi direcionado para a minha carreira. Trabalhar como assessora de imprensa não me deu um marido, mas um bom apartamento em São Paulo e um carro de luxo. E agora, que importância eles têm numa hora delicada como esta?

Onde está aquele cliente a quem dediquei horas de sono para melhorar a imagem da empresa? E o colega que indiquei para a vaga de advogado no escritório do meu amigo de infância? Neste momento, em viagem à Itália, ele está preocupado com o meu pólipolo?

Não gosto do que sinto, mas o rancor brotou em meu coração. Ele não me pertence, porque intimamente sei o quanto foi válido trabalhar com àquele cliente. E o quão feliz fiquei em ter podido ajudar o meu colega. Eles não me deviam favores.



www.editorapenalux.com.br
www.labaredacarmim.blogspot.com

 elisamarina1974@hotmail.com

 [/elisa.marina.5](https://www.facebook.com/elisa.marina.5)